

# Brasília não escapa da recessão

BRASÍLIA - A capital do País, por sua distância dos problemas de outras cidades também chamada de "Ilha da Fantasia", aproxima-se do Brasil real. A reforma administrativa atingiu em cheio um centro urbano que depende bastante dos salários de funcionários públicos.

A crise afeta a todos: camelôs e tecnocratas, pequenos comerciantes e hotéis de cinco estrelas. As vendas do comércio caíram cerca de 25% no último mês. Essa queda não é atribuída simplesmente à demissão de funcionários públicos: os que permanecem encurtaram os gastos. Seus salários, congelados, estão sendo rapidamente corridos.

O fim de uma série de vantagens, como ajuda à moradia, ajudam a acabar com a imagem de boa carreira do funcionalismo público. Tecnocratas há anos empregados na administração buscam alternativas inscrevendo-se em concursos para o Legislativo, que chega a pagar três vezes mais do que o Executivo. Este foi o caso, por exemplo, do ex-secretário-geral do Ministério da Administração, extinto com a reforma, Gileno Marcelino.

"A Ilha da Fantasia acabou", afirma David Fleischer, professor de ciências políticas

da Universidade de Brasília (UnB). Em Brasília há 18 anos, ele diz nunca ter visto a cidade tão afetada por uma crise econômica. "A maior responsável é a reforma administrativa", afirma. Fleischer acha que cada 3 demissões no funcionalismo público devem provocar uma no setor privado, como efeito da queda do consumo.

Os hotéis sofrem bastante com o recesso parlamentar em ano eleitoral e com o corte

na ajuda de custo que era dada pelo Executivo aos técnicos que vinham de outros estados, obrigados agora a morar na Escola Fazendária, que fica bem longe da Esplanada dos Ministérios (sem carros oficiais, quem não quer gastar muito vai trabalhar de ônibus). A média de ocupação diminuiu de 50% para 30%, e a segunda metade do ano promete ser ainda pior, diz o gerente do Hotel Eron, Paulo Roberto. "Não há perspectivas

de melhora a curto prazo", afirma.

Camelôs também se queixam da nova realidade. "Depois do dia 20 ninguém compra mais nada", reclama Raimundo Soares, há cinco anos no ramo. "A concorrência aumentou bastante", conta. De qualquer maneira, ele prefere viver assim do que na condição de assalariado.

De fato, a cidade modelo está perdendo sua rígida divisão planejada entre centro e periferia. Os vendedores ambulantes estão ao lado de ministérios, nos setores comerciais do centro e nas superquadras habitadas pela classe média. A economia informal é impulsionada também pelo desemprego, que atinge cerca de 100 pessoas na capital do País.

O único reduto não afetado duramente pela recessão é o de restaurantes frequentados por políticos, que se sentiram abalados logo após a decretação do Plano Collor, mas logo se recuperaram. O gerente do Florentino, um dos tradicionais pontos de encontro de políticos, jornalistas e lobistas, afirma que o restaurante continua com o mesmo movimento. A mesma coisa é dita pelo proprietário do Lake's Baby Beef, Zeli Ribeiro da Costa - é o restaurante preferido do Presidente Collor.



Ricardo Chaves/AE

Brasília muda de feição: camelôs por toda parte